



Willian Douglas Guilherme
(Organizador)

Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Metodológicos na Pesquisa em História



Willian Douglas Guilherme
(Organizador)

Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Metodológicos na Pesquisa em História

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília

Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Livia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Pluralidade de temas e aportes teórico-metodológicos na pesquisa em história

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário: Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo
Correção: Giovanna Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Willian Douglas Guilherme

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P737 Pluralidade de temas e aportes teórico-metodológicos na pesquisa em história [recurso eletrônico] / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-392-7

DOI 10.22533/at.ed.927202109

1. História – Pesquisa. 2. Historiografia. 3. História - Metodologia. I. Guilherme, Willian Douglas.

CDD 907.2

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

No e-book “Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Metodológicos na Pesquisa em História”, estão reunidos vinte e sete artigos que dialogam entre questões atualizadas e relevantes da pesquisa em história. São quatro grupos divididos por subtemas.

O primeiro grupo, do subtema “História, Educação e Metodologia”, são seis artigos que apresentam resultados em torno das instituições educacionais e debates educacionais no período imperial brasileiro, o papel da pesquisa (auto)biográfica, uma pesquisa que retrata particularidades do Exército brasileiro e propostas entre história e sala de aula.

O grupo dois, “Trabalho, Luta e Identidade”, são seis artigos, dentre eles, uma pesquisa que destaca o discurso do imperador japonês aos seus súditos justificando a rendição japonesa na segunda guerra mundial. Outros artigos destacam a luta operária e a construção de identidades numa interessante intriga historiográfica convidativa ao debate.

O grupo seguinte, “Cinema, Literatura e Arte”, são cinco artigos que trazem pesquisas atuais que entrelaçam história, cinema, arte e literatura. Este conjunto de pesquisas apontam para a pluralidade de possibilidades da pesquisa em história, vale a pena conferir.

Fecham o e-book, cinco artigos que dialogam sobre “Cidades e Particularidades”, trazendo informações das cidades de: Gramado/RS e a origem do turismo; Paraty/RJ de 1965 a 1920; o calçadão da Gameleira na cidade de Rio Branco/AC e; o cargo do Santo Ofício na Bahia.

Navegando pelo índice, com certeza, não menos que um, se não todos os subtemas lhe chamarão a atenção.

Aceite o prazer desta leitura!

Willian Douglas Guilherme
Organizador

SUMÁRIO

HISTÓRIA, EDUCAÇÃO E METODOLOGIA

CAPÍTULO 1..... 1

HISTÓRIAS E MEMÓRIAS: UM DEBATE SOBRE AS INSTITUIÇÕES ESCOLARES NO MUNICÍPIO DA CORTE IMPERIAL BRASILEIRA

Diego Dias Salgado

DOI 10.22533/at.ed.9272021091

CAPÍTULO 2..... 18

O REPOSICIONAMENTO POLÍTICO DO BARÃO DE ABIAHY NOS DEBATES EDUCACIONAIS DO FIM DO IMPÉRIO

Suênya do Nascimento Costa

DOI 10.22533/at.ed.9272021092

CAPÍTULO 3..... 28

UM OLHAR SOBRE A PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO

Patrícia Simone de Araujo

Sônia Maria de Magalhães

DOI 10.22533/at.ed.9272021093

CAPÍTULO 4..... 39

A UTILIZAÇÃO DA HISTÓRIA ORAL COMO INSTRUMENTO DE PESQUISA NO EXÉRCITO BRASILEIRO

Ivan de Freitas Vasconcelos Junior

DOI 10.22533/at.ed.9272021094

CAPÍTULO 5..... 46

INSTITUIÇÃO ESCOLAR E A HISTÓRIA DO CONHECIMENTO SISTEMATIZADO

Paulo Augusto Tamanini

Gislânia Dias Soares

Ocimara Fernandes Negreiros Oliveira

Risalva Ferreira Nunes de Medeiros

Vanusa Maria Noronha Medeiros

DOI 10.22533/at.ed.9272021095

CAPÍTULO 6..... 58

O PENSAMENTO HISTÓRICO: SUBSÍDIOS PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA EXPERIÊNCIA DE AULA

Fabricio Adriano

DOI 10.22533/at.ed.9272021096

TRABALHO, LUTA E IDENTIDADE

CAPÍTULO 7..... 70

A HONRA MESMO NA TERRA-ARRASADA: O ORGULHO JAPONÊS OBSERVADO NO ÉDITO IMPERIAL AO POVO DO JAPÃO PÓS SEGUNDA GUERRA MUNDIAL (1945)

Pedro Antonio Saraiva de Carvalho Pereira Francez

DOI 10.22533/at.ed.9272021097

CAPÍTULO 8..... 77

A FORMAÇÃO PARA O TRABALHO DE MENINOS NEGROS NA ESCOLA CENTRAL DE MACEIÓ (1887-1893)

Marcondes dos Santos Lima

DOI 10.22533/at.ed.9272021098

CAPÍTULO 9..... 87

DIREITOS TERRITORIAIS: AS LUTAS E AS “BATALHAS” EM BUSCA DE RECONHECIMENTO DE DIREITOS

Elisandra Cantanhede Ribeiro

DOI 10.22533/at.ed.9272021099

CAPÍTULO 10..... 97

JACY, A OPERÁRIA: DEFENDENDO DIREITOS TRABALHISTAS. IMBITUVA/PR, 1966

Raiele Kollaritsch

Vania Vaz

DOI 10.22533/at.ed.92720210910

CAPÍTULO 11..... 109

PROCESSO SOCIO-HISTÓRICO E O CONCEITO DE MODO DE PRODUÇÃO

Hélio Fernando Lôbo Nogueira da Gama

DOI 10.22533/at.ed.92720210911

CAPÍTULO 12..... 121

HERÓIS OU BANDIDOS? AS REPRESENTAÇÕES DAS MILÍCIAS NO RIO DE JANEIRO (2007-2010)

Michelle Airam da Costa Chaves

DOI 10.22533/at.ed.92720210912

CAPÍTULO 13..... 133

A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DA INTOLERÂNCIA AO CIGANO: DO MITO DO SURGIMENTO DOS CIGANOS AOS MATERIAIS DIVULGADOS EM SALA DE AULA

Marcio Edovilson Arcas

Ademilson Batista Paes

DOI 10.22533/at.ed.92720210913

CAPÍTULO 14	146
O SERTÃO ENTRE O ANTIGO E O MODERNO? APONTAMENTOS DO TEMPO COMO REPRESENTAÇÃO COLETIVA E OS USOS DA SINCRONIA PARA A COMPLEXIFICAÇÃO DE SEU ENTENDIMENTO	
Matheus de Araujo Martins Rosa	
DOI 10.22533/at.ed.92720210914	
CAPÍTULO 15	156
CONTEXTO PROFISSIONAL DO BAILARINO: ASPECTOS HISTÓRICOS	
Ana Lígia Trindade	
Patrícia Kayser Vargas Mangan	
DOI 10.22533/at.ed.92720210915	
CAPÍTULO 16	166
DAS DANÇAS SACRAS E PROFANAS NO BRASIL COLONIAL: TRANSFORMAÇÕES, IDENTIDADES E APROPRIAÇÃO	
Jéssica Viana Marques	
João Balduino de Brito Neto	
Mikaela Dantas Tavares	
DOI 10.22533/at.ed.92720210916	
CAPÍTULO 17	173
RESGATANDO VOZES E REMEMORANDO HISTÓRIAS: O LUGAR DE FALA ZAPATISTA NAS DECLARAÇÕES DA SELVA LACANDONA	
Rodrigo de Moraes Guerra	
DOI 10.22533/at.ed.92720210917	
CINEMA, LITERATURA E ARTE	
CAPÍTULO 18	183
A LITERATURA APOCALÍPTICA JUDAICA COMO EXPRESSÃO DE INTERCULTURALIDADE NO ANTIGO ORIENTE PRÓXIMO	
Harley Pereira Silva	
DOI 10.22533/at.ed.92720210918	
CAPÍTULO 19	192
OPERACIÓN MASACRE (1972) E O CINEMA DE INTERVENÇÃO POLÍTICA NA ARGENTINA	
Mirela Bansi Machado	
DOI 10.22533/at.ed.92720210919	
CAPÍTULO 20	201
DISCURSOS LITERÁRIOS E CINEMATOGRAFICOS SOBRE O FEMININO: IDENTIDADE, FEMINISMO E REPRESENTAÇÃO ATRAVÉS DO FILME “AS HORAS” (2002)	
Natália Gomes da Silva Machado	
DOI 10.22533/at.ed.92720210920	

CAPÍTULO 21.....217

O FENÔMENO MIGRATÓRIO NAS OBRAS: O QUINZE, VIDAS SECAS E MORTE E VIDA SEVERINA

Aline Vieira Fernandes

Mayara Benevenuto Duarte

DOI 10.22533/at.ed.92720210921

CAPÍTULO 22.....229

“UMA SENHORA BRASILEIRA EM SEU LAR”: REPRESENTAÇÕES DE LEITORAS PELOS PINCÉIS DE DEBRET

Sílvia Rachi

DOI 10.22533/at.ed.92720210922

CIDADES E PARTICULARIDADES

CAPÍTULO 23.....242

“UMA VERDADEIRA SUIÇA BRASILEIRA”: ORIGENS DO TURISMO EM GRAMADO (RIO GRANDE DO SUL, SÉCULOS XIX-XX)

Eduardo da Silva Weber

Daniel Luciano Gevehr

DOI 10.22533/at.ed.92720210923

CAPÍTULO 24.....255

PROCESSOS NATURAIS E ANTRÓPICOS DE ALTERAÇÃO DA PAISAGEM DO MUNICÍPIO DE PARATY, BRASIL, 1965-2020

Rodrigo Zambrotti Pinaud

DOI 10.22533/at.ed.92720210924

CAPÍTULO 25.....267

O CALÇADÃO DA GAMELEIRA EM RIO BRANCO, ACRE: UMA LEITURA CRÍTICA À LUZ DOS CONCEITOS DE CESARE BRANDI

Pedro Augusto Queiroz de Souza

DOI 10.22533/at.ed.92720210925

CAPÍTULO 26.....279

ITABAIANA: UMA ANÁLISE DOS EFEITOS DA CARÊNCIA DE CONSCIENTIZAÇÃO PATRIMONIAL COMO AMEAÇA À MEMÓRIA EDIFICADA

Nycole de Araújo Régis

Charles Andrade Pereira

DOI 10.22533/at.ed.92720210926

CAPÍTULO 27.....284

O CARGO DE FAMILIAR DO SANTO OFÍCIO E AS HABILITAÇÕES INCOMPLETAS PARA BAHIA

Cleílton Chaga Bernardes

DOI 10.22533/at.ed.92720210927

SOBRE O ORGANIZADOR.....	294
ÍNDICE REMISSIVO.....	295

CAPÍTULO 18

A LITERATURA APOCALÍPTICA JUDAICA COMO EXPRESSÃO DE INTERCULTURALIDADE NO ANTIGO ORIENTE PRÓXIMO

Data de aceite: 01/09/2020

Data de Submissão: 28/05/2020

Harley Pereira Silva

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO
Belém, PA.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3905924268827278>

RESUMO: O que se pretende discutir nas próximas páginas é até que ponto a Literatura Apocalíptica Judaica pode representar, ao menos em parte, o resultado de possíveis contatos interculturais com os povos do Oriente Próximo. Para tanto, abordaremos o discurso apocalíptico judaico como uma expressão do seu tempo histórico, pois este tipo particular de literatura surge no período conhecido como Judaísmo do Segundo Templo e apresenta características bem distintas da sua antecessora a Literatura Profética. Através da pesquisa bibliográfica, apoiando-se nas últimas reflexões a respeito do tema, buscaremos encontrar na Literatura Apocalíptica Judaica elementos que demonstrem possíveis influências externas, fruto dos contatos com as tradições babilônicas, persas e greco-romanas.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Apocalíptica; Apocalipse; Apocalipticismo; Judaísmo do Segundo Templo;

APOCALYPTIC JEWISH LITERATURE AS AN EXPRESSION OF INTERCULTURALITY IN THE ANCIENT NEAR EAST

ABSTRACT: What we intend to discuss in the following pages is the extent to which Jewish Apocalyptic Literature can represent, at least in part, the result of possible intercultural contacts with the peoples of the Near East. To do so, we will approach the Jewish apocalyptic discourse as an expression of its historical time, as this particular type of literature appears in the period known as Judaism of the Second Temple and has characteristics quite different from its predecessor the Prophetic Literature. Through bibliographic research, based on the latest reflections on the theme, we will seek to find in the Apocalyptic Jewish Literature elements that demonstrate possible external influences, the result of contacts with Babylonian, Persian and Greco-Roman traditions.

KEYWORDS: Apocalyptic Literature; Apocalypse; Apocalypticism; Second Temple Judaism;

INTRODUÇÃO

A literatura judaico-cristã ao longo do tempo tem despertado interesse de várias áreas de estudo. Nos últimos anos isso tem se feito de forma mais latente em decorrência da descoberta dos manuscritos do Mar Morto e da Caverna da Nag Hamadi, locais onde se encontrou bastante material novo e equivalente aos textos já conhecidos. Um dos desdobramentos dessas

descobertas foi a efervescência da pesquisa acadêmica em torno da Apocalíptica Judaica, tanto como expressão literária quanto como possível movimento político social.

Esse texto tem como objetivo principal analisar o fenômeno da Apocalíptica Judaica como expressão concreta de uma relação intercultural que se desenvolveu no oriente próximo entre os Hebreus (Judeus) e os povos circunvizinhos, incluindo aqueles que os colocaram sob domínio político, econômico e/ou religioso. Vários impérios mantiveram domínio sobre a região palestina, e conseqüentemente sobre os judeus, a partir do sec. VII A.E.C., dentre os quais podemos mencionar, Assírios, Babilônios, Persas, Gregos decorrentes da conquista de Alexandre, o Grande, e por fim, os Romanos.

Deste intenso movimento político e social resultou intensa troca cultural. A TaNaCh, registra inúmeros episódios que podem comprovar tal afirmação, podemos citar os contos de Ester, os relatos encontrados em Esdras, Neemias, os contos em Daniel cap. 1 a 6, dentre outros¹. Esses textos revelam que a interação entre os judeus e os povos que os dominaram era latente, conseqüentemente, é possível identificar nos textos apocalípticos judaicos características estrangeiras que demonstram o movimento da interculturalidade presente.

A LITERATURA APOCALÍPTICA JUDAICA

O período do Segundo Templo entre 516 A.E.C. e 70 E.C é importantíssimo para a história da experiência religiosa judaica e, conseqüentemente, para a construção dos seus discursos (Ferreira Neto, 2015:63). Neste período há uma importante gama de produção hebraica, em sua maioria escrita em grego, decorrente do crescente contato e absorção da cultura helenística trabalhada de forma assimilativa e adaptativa, adequando-se aos discursos judaicos do período. Não menos conhecidos, são os historiadores judeus, Fílon de Alexandria e Flávio Josefo que deixaram registros clássicos que foram e ainda são amplamente consultados pela comunidade acadêmica. (Koester, 2015:245-248)

A literatura apocalíptica judaica é um fenômeno que nasce no período do Segundo Templo. Fruto da busca por respostas às situações flagelantes as quais a nação israelita estava submetida, o discurso apocalíptico representa um importante ponto de inflexão na literatura religiosa judaica. O discurso apocalíptico judaico é constituído por certo conjunto de metáforas e temas particulares, detendo-se especialmente em tratar dos últimos tempos e de interpretar os acontecimentos do presente da comunidade inserindo-os na espiral escatológica. A busca pelo que vem a ser uma “Literatura Apocalíptica Judaica” passa inevitavelmente pela ideia do vem a ser um “apocalipse”. Este termo, desde muito tempo, desperta certa perplexidade em seus ouvintes e leitores, a interpretação do senso comum associa este verbete à catástrofe, destruição, fim do mundo dentre outras particularidades, cabe então aos campos dos saberes o trabalho de apresentar o sentido real desta palavra

1. Todas as menções a textos bíblicos se referem ao texto da Bíblia de Jerusalém, São Paulo: Paulus, 2002.

e, conseqüentemente, seus ambientes de origem e significado no tempo.

Desde a primeira parte do sec. XIX que os estudiosos se debruçam sobre os escritos ditos apocalípticos. Atualmente as pesquisas se encontram no seguinte estado:

As pesquisas acadêmicas mais recentes fazem distinção entre apocalipse como um gênero literário, apocalipticismo como uma ideologia social e escatologia apocalíptica como um conjunto de ideias e motivos literários que também podem ser encontrados em outros gêneros literários e contextos sociais. (Collins, 2010:18)

Assim, é preciso que se entendam os conceitos inerentes a estes discursos para identificar as interações culturais aí presentes.

A compreensão do que vem a ser o gênero literário “apocalipse” é de suma importância. Vários estudiosos ao longo do tempo buscaram delinear os contornos deste gênero, aqui adotamos a definição postulada por J.J. Collins, com a qual também concordam vários autores. Tal definição é considerada por grande parte da comunidade acadêmica uma das mais bem elaboradas definições do gênero apocalipse e foi fundamentada no trabalho de um grupo de pesquisadores norte-americanos na Society Biblical Literature (SBL) Genre Project, e divulgadas em Semeia 14, qual seja:

Um gênero da literatura revelatória com uma estrutura narrativa, no qual a revelação a um receptor humano é mediada por um ser sobrenatural, desvendando uma realidade transcendente que tanto é temporal, na medida em que vislumbra a salvação escatológica, quanto espacial, na medida em que envolve outro mundo, sobrenatural.(2010:22)

Pela definição acima são considerados escritos apocalípticos judaicos várias seções de 1Enoque, Daniel, 4Esdras, 2Baruc, o Apocalipse de Abraão, 3Baruc, 2Enoque, Testamento de Levi 2-5, Apocalipse de Sofonias, Apocalipse de João, partes dos livros de Jubileu e Testamento de Abraão. Tais apocalipses se apresentam de duas formas básicas: os apocalipses históricos, que apresentam uma revisão da história política, social e religiosa e etc, e as Jornadas Celestiais, que são apocalipses que descrevem revelações onde o receptor é levado por um ser sobrenatural a “lugares cósmicos” fora do corpo.

Além da caracterização de “apocalipse” como um gênero literário, autores como Collins, Hanson, Charlesworth e D. S. Russel argumentam a favor de outra característica importante do discurso apocalíptico, a sua Escatologia. A Escatologia dita apocalíptica é aqui compreendida de acordo com a orientação teórica de Paul Hanson ou seja, “uma perspectiva religiosa [...] um modo de ver os planos divinos em relação com realidades mundanas”. (Soares, 2008:104) Essa perspectiva religiosa entende a salvação divina como uma transformação que ocorre fora da ordem presente, ou seja, localiza-se temporalmente no futuro, que se caracterizará como uma nova realidade transformada.

Essa escatologia não está preocupada somente com a era futura, mas com a interpretação do passado e do presente, tendo em vista o julgamento cósmico futuro. Para

a escatologia apocalíptica, a forma como se vive no presente ou como se viveu no passado definirá como se será julgado por Deus no futuro. Assim, a apocalíptica judaica apresenta uma escatologia ampla que se conforma dentro de cada tipo de apocalipse e é encontrada em textos que não se caracterizam como do gênero apocalíptico, mas contêm temas e motivos apocalípticos. Daí a essencialidade da escatologia apocalíptica para a melhor compreensão do discurso apocalíptico judaico.

Estes textos estão inseridos em uma visão de mundo, em “um sistema de pensamento que adota uma perspectiva escatológica apocalíptica”, como afirma D. S. Russel (1997:31) assim, há a possibilidade de se aceitar a existência de movimentos apocalípticos à medida que visões de mundo apocalípticas são postuladas. Collins (2010:34), afirma que um movimento pode ser considerado apocalíptico quando “quando partilha a estrutura conceitual do gênero, endossando uma visão de mundo na qual a revelação sobrenatural, o mundo celestial e o julgamento escatológico desempenham papéis essenciais”, e complementa essa informação ao afirmar que a visão de mundo do apocalipticismo detém dois elementos cruciais: “(1) – a proeminência de elementos sobrenaturais, anjos e demônios, e sua influência nos assuntos humanos, e (2) a expectativa de um julgamento final não só das nações mas também dos humanos individualmente” (Ibdem,1998:147) assim a ideologia apocalíptica ou o apocalipticismo é parte essencial para a compreensão do discurso apocalíptico judaico.

EVIDENCIAS DE INTERCULTURALIDADE NOS TEXTOS APOCALÍPTICOS

De acordo com Koester e Collins há evidências suficientes para acreditar em uma frutífera interação cultural entre os judeus e os povos que os dominaram, e dessa interação surgiram muitas das características dos textos apocalípticos. Collins afirma categoricamente que “os apocalipses beberam de várias correntes de tradições e que o novo produto é mais do que a soma de suas fontes” (Collins, 2010:46), ou seja, há nas entrelinhas dos apocalipses elementos “estrangeiros” que foram adaptados à cosmovisão judaica do período. A seguir se pretende colocar em alto-relevo estes elementos, separando-os em matrizes, as quais nomearemos: babilônia, persa e helenística.

MATRIZ BABILÔNIA

Como já mencionado, o discurso apocalíptico foi construído a partir de várias fontes, sendo as influências das fontes em maior ou menor grau, o que não é diferente com as possíveis influências babilônicas nos textos apocalípticos. O que chama a atenção inicialmente acerca deste aspecto é a “proeminência do folclore babilônico tanto no Livro dos Vigilantes quanto no Livro Astronômico” [ambos inseridos no texto de 1Enoc] (Collins, 2010:51-52), e a forte presença de características babilônicas nos primeiros seis capítulos de Daniel.

As afinidades das revelações apocalípticas hebraicas e seus personagens, mais precisamente em 1 Enoque e Daniel, com o a “sabedoria mântica” dos caldeus é salientada por vários estudiosos. Collins argumenta que “Daniel, nos contos (Daniel 1-6), opera como um sábio babilônico, habilidoso na interpretação de sonhos. A figura de Enoque é, em certa medida, moldada como Enmeduranki, fundador da guilda de barûs, os advinhos babilônicos”.(2010:82) Outra aproximação importante está na similaridade entre os métodos de revelação apocalíptica e da adivinhação, pois ambos utilizam-se da interpretação de sinais e símbolos misteriosos dotados de acentuadas matizes de determinismo.

Há outro elemento importante que aproxima as tradições Babilônicas com as Judaicas: a Profecia Acadiana. De acordo com Grayson (apud Collins, 2010:53), a profecia acadiana é definida como “uma composição em prosa que consiste principalmente numa quantidade de ‘predições’ de eventos passados [...] o autor, em outras palavras utiliza a vaticinia *ex eventu* para estabelecer a credibilidade” a afinidade dessas profecias (acadianas) com os apocalipses judaicos está no seu uso do recurso vaticinia *ex-eventu*, como se pode perceber neste trecho: “um príncipe se erguerá [...] um outro homem, que é desconhecido, se erguerá” foi acertadamente comparada com Daniel 11 ou Daniel 8.23-25” (Ibdem). Nessa ampla colcha de retalhos que é o discurso apocalíptico, as profecias acadianas fornecem um importante elemento dos apocalipses históricos, que são aqueles que apresentam uma revisão da história política, social e religiosa da nação.

Há ainda, mais um elemento aproximador destas culturas, as revelações por “visões oníricas” (visões em sonhos). Delineadas por Helge Kvanvig (Collins, 2010:54-55) as visões oníricas acadianas apresentam um sonhador chamado Kummaya que vai ao mundo dos mortos, tem contatos com os deuses e retorna, o que caracteriza em certa medida uma viagem além-mundo, modo muito comum de revelação nos apocalipses judaicos. Mesmo que não haja um paralelo claro com os textos apocalípticos judaicos, não se pode deixar de notar que “haja uma relação entre essas visões oníricas acadianas e o gênero apocalipse, especialmente os apocalipses que descrevem a ascensão do visionário ao trono divino” (Idem, p. 55) ainda que as visões oníricas não sejam um apocalipse, em virtude da falta de escatologia, ainda assim são importantes pois apresentam o precedente da visão onírica que é a principal forma de revelação apocalíptica. É certo dizer que as possíveis fontes babilônicas não são suficientemente completas para a construção do gênero apocalipse. Entretanto podemos assinalar duas aproximações importantes entre as tradições babilônicas e judaicas, que podem ter sido importantes para a construção do mesmo. Em primeiro lugar, a semelhança entre o decifrar mistérios e adivinhações com as revelações apocalípticas e em segundo lugar, é correto creditar a uma influência babilônica à afinidade encontrada entre a sabedoria mântica e a revelação apocalíptica, ainda que em parte.

MATRIZ PERSA

Juntamente à profecia pós-exílica judaica, o apocaliticismo persa é considerado por muitos estudiosos uma das grandes influências do pensamento apocalíptico judaico. Isso se dá em virtude, principalmente, de nos manuscritos de Qumran, haver uma presença marcante do tema da dualidade cósmica, tais como: “luz x trevas”, “Filhos da Luz x Filhos de Belial” (Boccaccini, 2010:93-95). É claramente possível evocarmos uma “presença persa”² (Soares, 2009) no discurso apocalíptico judaico, entretanto, cabe salientar que esta pode ser menor do que se pensa.

Rastreando as tradições antigas nos Avesta (Livros Sagrados do Zoroastrismo), encontram-se paralelos interessantes com os apocalipses judaicos. Um exemplo é o texto “zand-i Vohuman Yasn, ou Bahamn Yasht”, que retrata uma visão de Zaratrusta na qual ele se depara com uma “árvore com quatro ramos” que seriam quatro reinos, guardando semelhança com o esquema de quatro reinos encontrado em Daniel e até mesmo com o esquema de reinos e milênios encontrado em 1Enoque. Ao analisar esta obra Collins afirma que “esta é a única obra persa ainda existente que combina o modo de revelação apocalíptica com uma elaborada periodização da história e escatologia” (Collins, 2010:58) e complementa dizendo que está claro que a periodização, a sucessão milenial e o determinismo cósmico são elementos integrais na teologia persa.

Voltando alguns séculos encontramos exemplos de rastros da religião persa no tratado de Plutarco Sobre Ísis e Osíris, no qual está contido que

Ahura Mazda e Ahriman estão em conflito: por três mil anos, alternadamente, um deus dominará o outro e será dominado, e por outros três mil anos eles lutarão e guerrearão, até que um quebre o domínio do outro. No final, Hades perecerá e os homens serão felizes. (Ibdem)

Podemos assim apreender que a noção de um conflito dualista e a divisão da história em períodos exatos representam parte do pensamento persa no mundo helenístico.

Outro testemunho da antiguidade deste discurso persa é o “Oráculo de Hystapes”, que se encontra nas “Instituições Divinas” de Lactâncio. Este texto é dotado de uma revelação onírica (através de sonhos) nos moldes de Daniel 2, ou seja, trás em si distúrbio político e referências à destruição do mundo através do fogo, além de várias descrições de sinais semelhantes aos encontrados no Bahman Yasht e com o Bundahisn.

Os apocalipses de Jornadas Celestiais também têm paralelos na literatura persa, um exemplo é o texto contido no Livro de Arda Viraf, ainda que datado do séc. IX E.C. O livro descreve as visões de um sacerdote chamado Viraf que conheceu o céu e o inferno sendo auxiliado por anjos intérpretes, modelo tipicamente comum nos apocalipses.

Assim, o que se pode concluir, é que os apocalipses persas ou os textos persas com motivos literários apocalípticos bem abrangentes e, certamente guardam paralelos

2. Para uma breve reflexão sobre o tema da influência Persa sobre a Religião Judaica cf. SOARES, D. O. As influências persas no chamado Judaísmo pós-exílico. Revista Theos, n.2, V. 5. Campinas: 2009.

interessantes com a tradição judaica do mesmo gênero. Entretanto, o seu congêneres judaico não pode ser considerado como um simples empréstimo cultural, há na construção dos apocalipses judaicos elementos que foram totalmente adaptados ao monoteísmo hebreu, o que o torna singular. (Collins, 2010:61)

MATRIZ GRECO-ROMANA (HELENÍSTICA)

O período helenístico é um dos mais importantes para a história da humanidade, principalmente no que se refere ao locus do oriente próximo e da região banhada pelo mediterrâneo. Helmut Koester afirma que a influência grega na palestina aumenta a partir dos séculos V e IV A.E.C. tal “presença” grega é percebida não somente nas regiões litorâneas, mas agora nas regiões continentais, segundo o mesmo autor, onde “moedas judaicas imitavam o dracma ático e podiam figurar a imagem de Zeus ou da coruja ateniense. Mercenários gregos serviam em muitas partes do reino persa” (2005:212-213)

Falando especificamente dos judeus, o professor Koester afirma que o processo de helenização que se inicia no início do período helenístico afetou todo o país, inclusive Jerusalém, para ele as cidades foram os principais agentes de helenização. Sobre isso diz:

A consequência foi a implantação elementos culturais gregos ou orientais helenizados, de um novo estilo de vida e de cultos estrangeiros. Os deuses cultuados nessas cidades eram divindades orientais com nomes gregos (p. ex. Astarte como Afrodite em Ascalon) ou deuses gregos, como Dionísio em Citópolis, cujas moedas trazem o nome Nisa, berço mitológico de Dionísio, como nome oficial da cidade. (Ibdem)

Este fato traz consequências claras ao contexto de produção dos textos judaicos do período do Segundo Templo. Collins afirma que, o helenismo forneceu momentos de crises e choques que de certa forma fomentaram uma reação intelectual dos escritores judeus de Daniel e 1Enoque. Podemos concordar com Collins quando afirma que “no sentido mais amplo, a matriz dos apocalipses judaicos não é qualquer tradição específica, mas o contexto helenístico, no qual motivos literários de várias tradições circulavam livremente” (1998:137,146). Ainda para o este autor, há uma aproximação considerável entre os motivos literários de muitos textos apocalípticos greco-romanos da antiguidade com os apocalipses judaicos. Podemos encontrar os paralelos entre as duas tradições em textos reunidos em torno de dois motivos literários comuns aos apocalipses. Os primeiros, ligados ao primeiro motivo literário, são os que descrevem Jornadas sobrenaturais, seja ao céu ou ao mundo dos mortos; o segundo, ligado ao motivo literário das profecias escatológicas, trás textos ligados a apocalipses que revisam a história.

No primeiro grupo, podemos citar: o Livro 11 da Odisséia de Homero, a sátira de Menippus de Gadara (na palestina), o mito de Er de Platão (em A República, livro 10), Somnium Scipionis de Cícero, De Genio Socratis (21-22) e De sera numinis vindicta (22-31) de Plutarco, estes textos, apesar do foco filosófico, apresentam uma similaridade na

estrutura conceitual marcante com os apocalipses judaicos. Outro exemplo de jornada sobrenatural que pode ser levado em consideração está no livro 6 da Eneida de Virgílio, onde Eneias é acompanhado ao inferno por Sibila e há também uma profecia da grandeza de Roma no futuro. Estas jornadas sobrenaturais aproximam-se dos apocalipses judeus à medida que tratam com a escatologia pessoal ou com a vida após a morte. É certo que há diferenças marcantes entre os textos greco-romanos e os judaicos, mas é latente que a noção de vida após a morte e a noção de julgamento dos mortos seja tão difundida nos tempos helenísticos em várias formas diferentes. (Collins, 2010:63-64)

No segundo grupo, temos aqueles relacionados com a revisão da história, podemos citar: “Alexandra de Lycophron”, que tem o propósito de glorificar os troianos e seus descendentes os romanos; dentro do universo helenístico podemos citar a “Profecia Dinástica” babilônia, o já citado “Oráculo de Hystapes” persa, os egípcios “Repreensões de Ipuwer” e a “Visão de Neferrohu”; tem-se ainda a “Crônica Demótica” que é uma espécie de comentário de tradições antigas; Um exemplo importante do período helenístico egípcio é o “Oráculo do Oleiro” que como os supramencionados apresentam muitas profecias “eventu”, uma característica dos textos apocalípticos, descrevem destruição, invasão e renovação. (Ibdem, p.64-65)

O Helenismo trouxe para o Antigo Oriente Próximo uma atmosfera de ideias e atitudes comuns, algo parecido com o que Momigliano (2004:31) chama de “cenário cultural comum” que, a cerca de um século antes fora construído pelos Persas na região. Da mesma forma o helenismo constrói um “mundo grego” ao fomentar o modo de viver grego na construção das cidades com seus lugares públicos como os estádios e os mercados, ou a cunhagem de moedas sincretizando os deuses locais com os seus referentes gregos, dentre outras formas, ou seja, o avanço do helenismo modificou significativamente as circunstâncias políticas e sociais no oriente próximo. Podemos então afirmar concordando com Collins que “a era helenística foi marcada pela difundida nostalgia do passado [...] Em sentido lato, essa atmosfera helenística pode ser considerada a matriz da literatura apocalíptica [judaica]” (Collins, 2010:66)

Assim, é possível perceber a presença “helenística” nos apocalipses judaicos, ainda que estes tenham suas próprias rotinas internas, sendo claramente textos originais e não cópias das tradições circunvizinhas.

CONCLUSÃO

Face ao exposto até aqui, é possível afirmar que a interação cultural no oriente próximo influenciou diretamente a produção literária religiosa judaica, aqui se referindo à tradição apocalíptica, dentre as quais podemos citar o conhecido livro canônico de Daniel, dentro do universo apocalíptico, mas também muitas outras obras não canônicas, mas que certamente influenciaram a escrita de outros textos importantes como os livros do Novo

Testamento, textos estes que ainda hoje influenciam diretamente a vida política, social, afetiva e religiosa de boa parte do ocidente e oriente.

Esta constatação lança boa medida de luz sobre os estudos dos textos do Novo Testamento Bíblico, na medida que revela seus antecedentes socioculturais e históricos, nos revelando um pouco mais sobre o pano de fundo desses textos tão caros à vida do homem ocidental.

Outra contribuição importante é a demonstração de uma realidade plural na antiguidade judaica, que à época também gerou conflitos religiosos e políticos, tais como os que vivenciamos na atualidade. Tal conhecimento se torna útil para apreendermos melhores formas de conviver em sociedade respeitando as escolhas individuais no que tange à prática religiosa e à orientação político-partidária. Os fatos do passado nos deixam uma reflexão para o presente.

REFERÊNCIAS

Bíblia de Jerusalém. Paulus, São Paulo: 2020.

BOCCACCINI, G. **Além da Hipótese Essênia: A separação dos caminhos entre Qumran e o Judaísmo Enóquico.** São Paulo: Paulus, 2010.

COLLINS, John J. **A imaginação Apocalíptica: uma introdução à apocalíptica judaica.** São Paulo: Paulus, 2010.

_____. **The encyclopedia of Apocalypticism: The origins of apocalypticism in Judaism and Christianity.** v.1. New York: The Continuum Publishing, 1998.

KOESTER, Helmut. **Introdução ao novo testamento: história, cultura e religião do período helenístico.** São Paulo: Paulus, 2005. v.1.

LEITE, Edgard. **Leituras infinitas: instante e eternidade na literatura judaica de Jó a Yohanan Ben Zakkai.** Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2015.

MOMIGLIANO, A. **As raízes clássicas da historiografia moderna.** Bauru, SP: EDUSC, 2004.

RUSSEL, D. S. **Desvelamento Divino: uma introdução à apocalíptica judaica.** São Paulo: Paulus, 1997.

SOARES, D. O. Apocalíptica como gênero de expressão. **Revista Horizonte**, v.7, n. 13: Belo Horizonte: 2008.

_____. As influências persas no chamado judaísmo pós-exílico. **Revista Theos – Revista de Reflexão Teológica Batista de Campinas.** 6ª ed. V.5. Nº2. Campinas: 2009.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adesismo 18
Apocalipse 183, 184, 185, 186, 187
Arquitetura Escolar 1, 5, 8, 16

B

Bailarino 156, 159, 161, 162, 163, 164, 165
Barão do Abiahy 18, 19
Brasil Colonial 166, 172
Brasil Império 18, 19

C

Cesare Brandi 267, 268, 278
Cinema 148, 159, 192, 193, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 206, 207, 208, 209, 210, 213, 214, 215, 251, 252, 275
Cristãos-novos 284
Cronologia 122, 146, 154, 155
Cultura Cigana no Brasil 133

D

Dança 141, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 172
Descaracterização 279, 280, 281, 282
Desenvolvimento 1, 3, 4, 7, 9, 13, 47, 48, 49, 50, 54, 55, 56, 88, 92, 93, 94, 95, 96, 109, 111, 113, 114, 115, 116, 117, 132, 139, 146, 152, 157, 158, 161, 164, 194, 197, 219, 222, 242, 243, 250, 251, 257, 259, 261, 263, 266, 289
Direitos 65, 81, 87, 92, 93, 95, 96, 97, 100, 101, 124, 130, 131, 144, 177, 178, 212, 227, 260
Disputas 21, 87, 180, 214, 263

E

Escolarização 1, 3, 4, 8, 9, 11, 15, 63, 65, 77, 78, 82, 133, 237
Experiência 13, 14, 35, 38, 45, 47, 58, 59, 65, 66, 67, 68, 69, 79, 86, 90, 162, 172, 176, 184, 196, 205, 228, 268

F

Formação 4, 5, 16, 20, 21, 22, 27, 42, 43, 47, 48, 51, 52, 56, 60, 77, 81, 85, 86, 88, 90, 98, 109, 111, 112, 113, 117, 119, 144, 145, 147, 156, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 174, 177,

197, 202, 213, 218, 230, 232, 237, 238, 241, 242, 243, 247, 252, 260, 271, 275

G

Gênero 29, 31, 33, 35, 98, 107, 118, 165, 185, 186, 187, 189, 191, 196, 201, 202, 211, 230

H

Hiroshima 70, 71, 74, 76

Honra 70, 74, 75, 177

I

Identidade 15, 29, 41, 89, 90, 91, 94, 95, 96, 111, 135, 139, 140, 141, 156, 166, 168, 169, 170, 171, 176, 194, 195, 197, 201, 220, 226, 228, 242, 243, 245, 254, 280

Instituição Escolar 1, 11, 46, 47, 49, 50, 51

Intolerância 133, 134, 139, 142, 144, 269

J

Jean-Baptiste Debret 229, 230, 231, 232, 239, 240

Judaísmo 183, 188, 191

L

Lei do Ventre Livre 18, 20, 22, 24, 77, 79, 81, 82, 84, 85

Linguagem 34, 47, 165, 166, 169, 170, 197, 201, 203, 204, 206, 209, 214, 226, 228, 233, 234, 241, 268, 271, 273, 275, 276, 277

M

Mata Atlântica 255, 258, 265

Memória 11, 12, 13, 14, 15, 17, 39, 40, 41, 42, 44, 45, 50, 65, 69, 97, 98, 146, 147, 150, 155, 156, 169, 176, 194, 207, 229, 230, 232, 238, 240, 278, 279, 280

Migração 134, 217, 218, 221, 223, 228

Milícia 121, 122, 123, 124, 126, 129, 130, 131

Movimentos Sociais 65, 118, 173, 180, 182

Mulher 97, 100, 101, 102, 103, 105, 106, 107, 136, 137, 141, 201, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 230, 287

N

Nagasaki 70

Negros 55, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 141, 170, 171, 231, 232, 258

P

Pensamento 19, 22, 23, 29, 31, 34, 41, 52, 54, 58, 64, 66, 68, 72, 86, 90, 98, 100, 141, 144, 174, 182, 186, 188, 198, 207, 210, 219, 228, 232, 269, 285

Peronismo 192, 193, 194, 195, 199, 200

Política 3, 9, 11, 12, 15, 18, 20, 21, 22, 24, 26, 27, 48, 52, 56, 88, 93, 95, 99, 101, 112, 113, 119, 120, 128, 129, 130, 131, 139, 143, 151, 155, 161, 168, 169, 172, 173, 175, 176, 180, 185, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 199, 201, 208, 219, 225, 232, 234, 235, 243, 248, 249, 250, 252, 253, 254, 265, 285

Produção 3, 5, 6, 8, 10, 16, 29, 31, 32, 33, 34, 39, 44, 49, 50, 54, 60, 65, 76, 99, 103, 109, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 125, 128, 134, 162, 163, 175, 184, 189, 190, 202, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 220, 231, 232, 235, 253, 255, 256, 257, 271, 272

Profano 166, 168, 169, 170

Q

Quilombos 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 95, 96

S

Sacro 166, 169, 263

Santo Ofício 284, 285, 286, 289, 292

Segunda Guerra Mundial 42, 43, 45, 70, 143

Sertão 146, 147, 151, 152, 155, 219, 224, 226, 245, 281

Sociedade 1, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 17, 23, 24, 25, 31, 35, 36, 39, 44, 46, 47, 50, 52, 63, 65, 66, 70, 71, 77, 79, 80, 82, 83, 84, 89, 91, 93, 106, 109, 110, 111, 112, 113, 115, 118, 119, 123, 128, 132, 144, 146, 147, 148, 150, 152, 154, 155, 159, 163, 165, 166, 167, 168, 170, 175, 177, 178, 181, 191, 194, 197, 203, 208, 209, 211, 213, 214, 217, 219, 222, 223, 227, 228, 230, 231, 232, 233, 234, 236, 240, 241, 242, 250, 263, 266, 273, 274, 275, 283, 287, 288, 292

T

Tempo 2, 3, 4, 9, 13, 14, 17, 20, 21, 25, 31, 34, 35, 36, 37, 44, 46, 47, 48, 49, 54, 55, 56, 60, 61, 66, 68, 69, 72, 73, 74, 81, 82, 83, 88, 89, 91, 98, 101, 103, 105, 106, 112, 113, 115, 118, 121, 122, 123, 125, 126, 131, 132, 134, 136, 138, 141, 145, 146, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 159, 167, 168, 170, 171, 173, 175, 183, 184, 185, 195, 199, 202, 204, 205, 207, 209, 210, 211, 212, 222, 227, 231, 233, 235, 242, 243, 249, 252, 258, 260, 265, 266, 268, 269, 270, 273, 274, 280, 281, 286

Territórios 37, 76, 87, 89, 93, 94, 95, 174, 182

Transformação 63, 99, 149, 169, 185, 195, 199, 243, 255

Turismo 119, 242, 246, 250, 251, 252, 253, 255, 262

U

Unidades de Conservação 255, 264

Urbanização 102, 143, 235, 242, 243, 250

V

Verdade histórica 28, 30, 37

Violência 9, 91, 97, 116, 121, 126, 128, 130, 131, 132, 133, 136, 141, 143, 150, 155, 194, 197, 199, 260, 265

Z

Zapatismo 173, 174

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Pluralidade de Temas e Aportes
Teórico-Metodológicos na Pesquisa em História

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Pluralidade de Temas e Aportes
Teórico-Methodológicos na Pesquisa em História